



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Semana é bastante movimentada e traz Ata do Copom, IPCA, dados de crédito e balanços do 4T23 dos principais bancos do país

**As atenções do mercado estarão voltadas para a Ata da reunião do Copom, após o Colegiado sinalizar que deve manter o ritmo de cortes da taxa Selic em 0,50 pp nas duas próximas reuniões.** O comunicado não trouxe grandes alterações ante o texto da reunião anterior e a expectativa agora é que a Ata aprofunde a visão do Colegiado sobre possíveis temas que podem impactar a condução da política monetária, como a evolução do cenário externo, que tem sido marcado pelo debate sobre o início da flexibilização monetária nas principais economias, além das incertezas em torno da política fiscal internamente. Assim, embora o Colegiado já tenha indicado as decisões das reuniões de março e maio, os agentes estarão atentos se o texto sinalizará alguma condição para aceleração ou redução do ritmo de cortes, além de algum possível indicativo sobre a taxa terminal no final do ciclo.

**O mercado também estará atento aos números da inflação (IPCA) de janeiro, que serão conhecidos na quinta (8).** O índice deve mostrar alta de 0,34% no mês, novamente pressionado pelos preços dos alimentos, que seguem afetados pelas condições climáticas adversas. Por outro lado, a queda (sazonal) dos preços das passagens aéreas e o recuo dos combustíveis devem contribuir para que o índice mantenha a trajetória de desaceleração em 12 meses (de 4,62% para 4,42%). A atenção, no entanto, recairá novamente sobre a dinâmica da inflação de serviços, que mostrou que alguma piora nas últimas leituras e possui grande peso na condução da política monetária. Também no âmbito inflacionário, a FGV informa o IGP-DI de janeiro na terça (6), que deve registrar deflação de 0,10%, perdendo força ante o mês anterior (+0,64%), diante de alguma melhora dos preços de importantes itens no atacado, como do minério de ferro, do óleo diesel e dos preços dos grãos (soja e milho).

**No âmbito da atividade, destaque para os números de fechamento de 2023 do varejo e do setor de serviços, que serão divulgados pelo IBGE na quarta (7) e na sexta (9), respectivamente.** Após mostrarem recuperação em novembro, os setores devem seguir beneficiados pelos eventos de final de ano, com as estimativas apontando alta de 0,3% para o varejo (ampliado) e de 0,7% para o setor de serviços. Caso se confirmem os resultados, o varejo ampliado deve registrar crescimento de 2,5% em 2023, enquanto os serviços devem avançar 2,4%. Apesar de positivos, os resultados não devem alterar a leitura de um desempenho modesto da economia no 4º trimestre, ainda que suficientes para garantir uma expansão da ordem de 3% do PIB em 2023. O resultado da produção de veículos de janeiro também será conhecida na semana e será divulgada pela Anfavea na quarta (7).

**A semana ainda traz alguns dados que tiveram suas divulgações adiadas pelo Banco Central, como os números de crédito e as estatísticas fiscais e do setor externo, todas de dezembro.** Em relação ao crédito, a Pesquisa da Febraban estima crescimento de 1,2% do saldo total da carteira no mês, fechando 2023 com crescimento de 6,8%. O resultado deve marcar o 6º ano seguido de expansão da carteira, embora com alguma desaceleração ante as expressivas altas de 2020 a 2022. Embora a Pesquisa já tenha sido divulgada no informativo do dia 22 de janeiro, mas como teremos a divulgação oficial nesta semana, trazemos novamente seu resultado [aqui](#).

**Na agenda corporativa, a semana dá sequência às divulgações dos balanços do 4T23 do setor bancário, trazendo um conjunto importante de resultados.** O BTG Pactual iniciou a semana divulgando hoje (5) cedo seu resultado, registrando lucro líquido de R\$ 2,7 bi no período (alta de 3,8% no trimestre e 65,9% ante o 4T22). Ainda hoje, após o fechamento do mercado, o Itaú divulga seus números, com os analistas projetando um lucro líquido de R\$ 9,3 bi, equivalente a uma alta de 2,9% no tri e de 21,3% ante o 4T22. A semana também traz os resultados do Bradesco (7), Banco do Brasil (9), entre outros (ABC, Banrisul, BMG e Inter). O quadro da próxima página traz as respectivas datas de divulgação e as projeções do mercado. No geral, a expectativa é que as instituições apresentem uma melhora substancial do lucro no comparativo anual, devido à fraca base de comparação (provisões relacionadas ao caso Americanas). Adicionalmente, na margem, o resultado deve ser beneficiado pela queda da inadimplência e do volume de provisões, compensadas em parte por uma composição menos rentável da carteira de crédito (aumento das linhas mais seguras).



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 4T23 e 2023

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 4T23 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual	Estimativa de Lucro Líquido em 2023	Var.% no Ano
Itaú	05/fev	9.297,8	2,9%	21,3%	35.515	15,4%
BTG Pactual	05/fev	2.748,9	4,8%	67,2%	9.946	26,8%
BMG	05/fev	89,9	24,9%	23,2%	171	-24,4%
ABC	06/fev	223,5	-2,1%	13,3%	844	5,4%
Bradesco	07/fev	4.563,4	-1,2%	186,1%	17.982	-13,0%
Inter	07/fev	137,0	31,5%	375,5%	330	-2.440,7%
Pine	08/fev	-				
Banco do Brasil	09/fev	9.180,4	4,5%	1,6%	35.300	11,0%
Banrisul	09/fev	252,0	97,8%	0,4%	819	14,6%
Nubank	22/fev	-				
XP	27/fev	-				

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.

**Já a agenda internacional é bastante enxuta na semana e terá como destaque os indicadores de expectativa (PMI) das principais economias do mundo.** Nos EUA, hoje (5) pela manhã, serão divulgados os índices PMI e ISM do setor de serviços para o mês de janeiro, que devem mostrar que a economia do país segue aquecida. Por outro lado, na Zona do Euro, o indicador já foi divulgado hoje cedo e apontou ligeira queda, reforçando os sinais de fraqueza da economia da região.

**Por fim, na China, na quarta (7) à noite serão divulgados os dados de inflação ao consumidor (CPI) e ao produtor (PPI) de janeiro, que devem seguir em deflação.** A expectativa do consenso é que os indicadores registrem deflação (no acumulado dos últimos 12 meses) de 0,6% e 2,6%, nesta ordem. Tal cenário realça as dificuldades que o país enfrenta e aumenta a pressão por novos incentivos pelo governo.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
05/fev	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Dez/23	US\$ -7,3 bi	US\$ -1,6 bi
06/fev	BCB: Nota de Crédito	Dez/23	1,2% m/m* 6,8% a/a*	0,9% m/m 7,1% a/a
06/fev	Ata da Última Reunião do Copom	-	-	-
06/fev	FGV: IGP-DI	Jan/24	-0,10% m/m -3,45% a/a	0,64% m/m -3,30% a/a
07/fev	BCB: Estatísticas Fiscais	Dez/23	R\$ -125,0 bi	R\$ -37,3 bi
07/fev	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio	Dez/23	0,3% m/m 2,3% a/a	1,3% m/m 4,3% a/a
07/fev	Secex: Balança Comercial	Jan/24	US\$ 7,4 bi	US\$ 9,4 bi
07/fev	Anfavea: Produção de Veículos	Jan/24	-	-11,3% a/a
08/fev	IBGE: IPCA	Jan/24	0,34% m/m 4,42% a/a	0,56% m/m 4,62% a/a
09/fev	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços	Dez/23	0,7% m/m -1,9% a/a	0,4% m/m -0,3% a/a

Fonte: Bloomberg. \*Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
04/fev	China	PMI Caixin Serviços	Jan/24	53,0 pts	52,9 pts
05/fev	Zona do Euro	PMI Serviços	Jan/24 – final	48,4 pts	48,8 pts
05/fev	EUA	PMI / ISM Serviços	Jan/24 – final	52,9 pts / 52,0 pts	51,4 pts / 50,6 pts
06/fev	Zona do Euro	Vendas no varejo	Dez/23	-1,0% m/m	-0,3% m/m
07/fev	EUA	Crédito ao Consumidor	Dez/23	US\$ 15,9 bi	US\$ 23,8 bi
07/fev	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/24	-0,6% a/a	-0,3% a/a
07/fev	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Jan/24	-2,6% a/a	-2,7% a/a
08/fev	EUA	Estoques no Atacado	Dez/23 – final	0,4% m/m	-0,4% m/m

Fonte: Bloomberg.



## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

### Copom volta a reduzir Selic em 0,50 pp e sinaliza manutenção do ritmo de ajuste

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) voltou a reduzir a taxa Selic em 0,50 pp, para 11,25% aa, conforme esperado. Sem alterações relevantes ante o comunicado anterior, o Comitê indicou novas reduções de mesma magnitude nas próximas reuniões, sem abrir espaço para uma intensificação do ritmo de queda da taxa Selic no curto prazo.

Na avaliação de conjuntura, o Copom deixou de descrever o ambiente externo como “adverso”, embora tenha voltado a frisar a necessidade de cautela diante de um ambiente volátil, marcado pelo debate sobre o início da flexibilização monetária nas principais economias.

No cenário doméstico, manteve a leitura de que a desaceleração da atividade está dentro do esperado. Quanto à inflação, a mudança foi sutil, com o Colegiado agora mencionando que não só a inflação, mas também as medidas subjacentes se aproximam da meta. Já as projeções de inflação da instituição no cenário de referência permaneceram em 3,5% para 2024 e em 3,2% para 2025 – a despeito da ligeira redução da taxa Selic extraída do Focus (cuja expectativa caiu de 9,25% aa para 9,0% aa para o fim deste ano).

Em resumo, o Colegiado segue avaliando que o ritmo atual de flexibilização monetária é apropriado, indicando novos cortes de 0,50 pp nas reuniões de março (dias 19 e 20) e maio (dias 7 e 8). Adicionalmente, conforme o tempo passa, o horizonte relevante do BCB se move para 2025, onde sua projeção de inflação (3,2%) está próxima da meta (3,0%). Com isso, sugere que a taxa Selic deve caminhar para cerca de 9,0% aa, conforme esperado pelo mercado.

Por fim, vale mencionar que, dado o atual modelo decisório do Copom, não há uma relação mecânica entre uma possível queda (a partir de maio) das taxas de juros pelo Fed e uma intensificação do ritmo de queda da Selic (ou uma taxa menor no fim do ciclo) por aqui. Para isso, será necessário que haja apreciação cambial, melhora da inflação corrente ou das expectativas, de modo que as projeções de inflação do BCB indiquem um maior espaço para queda dos juros.

**Em relação à atividade, a produção industrial avançou 1,1% em dezembro, bem acima do esperado (+0,3%). Esta foi a 5ª alta seguida do setor, que mostra sinais de reação no fim de 2023 e deixa uma perspectiva mais positiva para 2024. Ainda assim, a indústria encerrou o ano com crescimento de apenas 0,2%.**

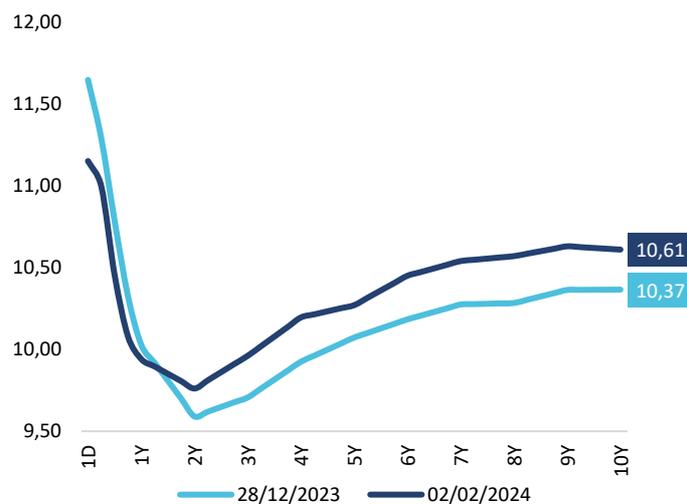
## INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic - % aa



Fonte: IBGE

Quadro 2: Curva de Juros Futuros - % aa



Fonte: Bloomberg

Em dezembro, o predomínio foi de variações positivas, com avanço em 3 das 4 grandes categorias e em 15 dos 25 ramos pesquisados. O destaque foi novamente a indústria extrativa (+2,2%), apoiada na maior extração de minério de ferro. Já a indústria de transformação avançou 0,6%, liderada pela fabricação de produtos alimentícios (+2,1%), que registrou o 6º mês seguido de crescimento. Outras altas importantes do mês vieram da fabricação de equipamentos de informática (+10,4%), máquinas (+3,2%) e veículos (+2,4%).

Com isso, a produção industrial cresceu 1,2% no 4º trimestre, sustentada pelo forte avanço da indústria extrativa (+5,6%) e uma alta mais tímida da manufatura (+0,5%). De toda forma, o resultado sugere uma contribuição positiva do setor industrial para o desempenho do PIB no período.

No ano, a situação é similar, com a indústria extrativa crescendo 7,0%, impulsionada pelo avanço da produção de petróleo/gás e minério de ferro. Já a indústria de transformação caiu 1,0%, refletindo especialmente a retração da produção de bens de capital (-11,0%) e o baixo dinamismo da indústria de bens duráveis (+1,2%), mais afetadas pela política monetária e as condições de crédito mais restritivas da economia. Já a produção de bens semi e não duráveis, mais dependente da renda, cresceu 2,1%, sustentada pelo mercado de trabalho aquecido e a desaceleração da inflação.

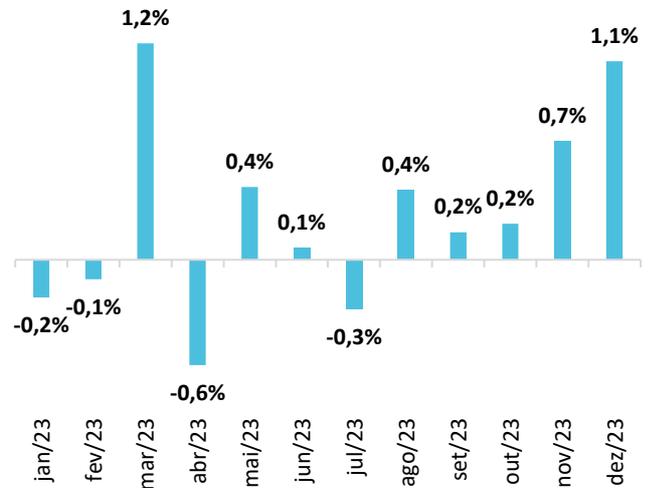
A perspectiva é que o setor apresente um desempenho melhor em 2024, especialmente a indústria de transformação (bens de capitais e duráveis), sustentada pelo mercado de trabalho aquecido, inflação sob controle e redução das taxas de juros.

**No mercado de trabalho, os números de dezembro confirmaram um ano positivo do segmento, marcado por continuidade da geração de empregos (liderada pelo setor formal), queda da taxa de desemprego e aumento do rendimento e da massa salarial.**

**A taxa de desemprego, calculada pela PNAD (IBGE), seguiu recuando no trimestre encerrado em dezembro, para 7,4% (ante 7,5% em nov/23), surpreendendo positivamente o mercado, que esperava estabilidade. Com o resultado, a taxa média de 2023 ficou em 8,0%, abaixo do observado em 2022 (9,3%) e a menor desde 2014 (6,9%).**

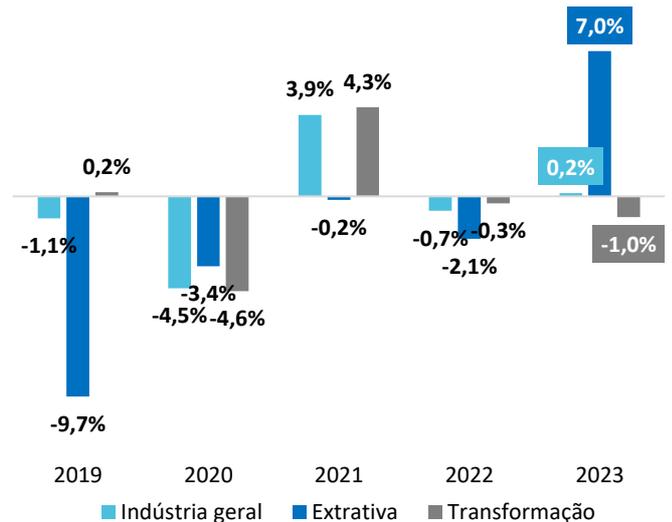
A queda na taxa de desocupação ao longo de 2023 foi marcada pelo contínuo aumento da população ocupada, que fechou o último trimestre do ano com um contingente de 101,0 milhões de pessoas (alta interanual de 1,6%). Esse aumento foi liderado pelo segmento formal privado (+3,0%), que levou a participação dos trabalhadores CLT no setor privado a 37,6% do total, maior patamar desde ago/17.

**Quadro 3: Produção Industrial – Var.% mensal**



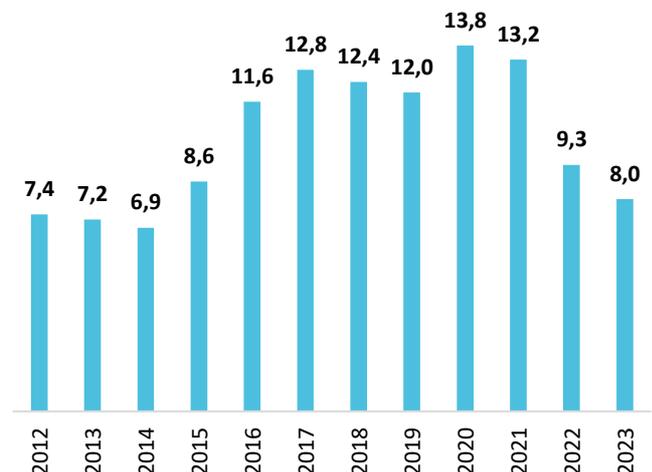
Fonte: IBGE

**Quadro 4: Produção Industrial – Var.% anual**



Fonte: IBGE

**Quadro 5: Taxa de Desemprego – média anual**



Fonte: PNAD (IBGE).

O aumento da demanda por trabalho, em conjunto com a melhora da composição do emprego (maior ocupação no setor formal), levou a um aumento real de 5,2% do rendimento médio dos trabalhadores no ano. Isto, em conjunto com o aumento da ocupação, ampliou a massa salarial real em 6,9% na média de 2023, ajudando a sustentar a expansão do consumo das famílias.

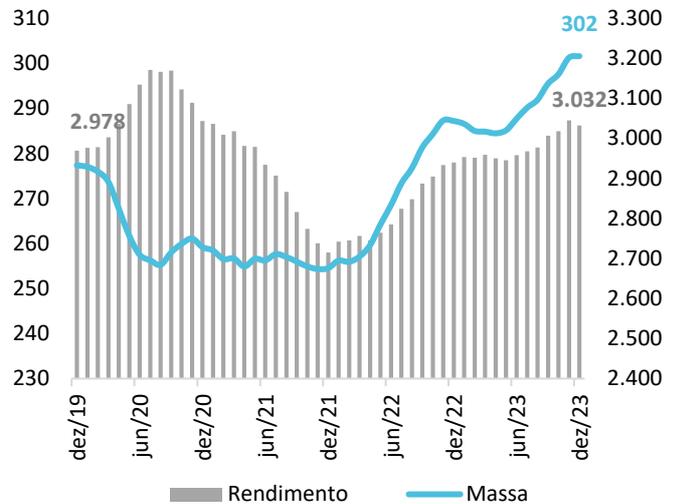
**Já o Caged registrou fechamento líquido de 430,2 mil vagas formais em dezembro.** O resultado veio pior que o esperado pelo mercado (-370,0 mil), mas não necessariamente representa uma piora do segmento. Isso, pois, a eliminação de vagas é típica (sazonal) em dezembro, em função da demissão de funcionários contratados para os eventos de final de ano, além do fim dos contratos temporários no mês, especialmente em setores como a indústria, educação, construção e agropecuária. De toda forma, o resultado foi melhor do que o registrado em dezembro de 2022, quando foram fechadas 455,7 mil vagas. Com o resultado, o Caged apontou geração líquida de 1,48 milhão de vagas em 2023, abaixo dos 2,0 milhões registrados em 2022, mas ainda um número bastante positivo.

Para 2024, a expectativa é que o mercado de trabalho siga relativamente aquecido, com continuidade do aumento da ocupação, mas em menor nível do que em 2023, mantendo a taxa de desemprego (com ajuste sazonal) relativamente estável ao longo do ano. Já o rendimento médio e a massa salarial devem seguir em alta, beneficiados também pelo aumento do salário mínimo. Tal cenário deve contribuir para que o consumo das famílias siga em expansão.

**No âmbito fiscal, o governo central registrou déficit primário de R\$ 116,1 bi em dezembro, o maior da história para o mês.** O resultado refletiu o pagamento de R\$ 92,4 bi do estoque de precatórios acumulados nos últimos anos. Outra despesa não recorrente que pesou no resultado do mês foi o aporte de R\$ 6,1 bi no Fundo de Permanência no Ensino Médio (Programa Pé-de-meia). Contudo, mesmo desconsiderando tais despesas, o governo teria registrado um déficit primário de R\$ 17,6 bi no mês, ante um superávit de 4,0 bi de dezembro de 2022.

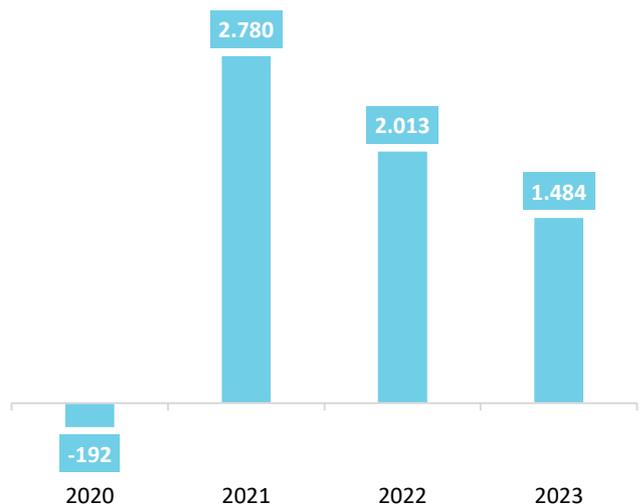
**Com o resultado de dezembro, o governo central fechou 2023 com um déficit primário de R\$ 230,5 bi (2,1% do PIB), revertendo o superávit de 0,5% do PIB de 2022.** De forma similar ao resultado de dezembro, o expressivo déficit do ano é explicado, em parte, por eventos não recorrentes, como: i) pagamento do estoque de precatórios (92,4 bi); ii) compensação aos Estados por perdas com o ICMS (R\$ 20,9 bi); aporte ao fundo do Ensino Médio (R\$ 6,1 bi); recebimento de recursos não sacados do PIS/Pasep (R\$ 26,0 bi).

**Quadro 6: Rendimento Médio (em R\$) e Massa Salarial (em R\$ bi)**



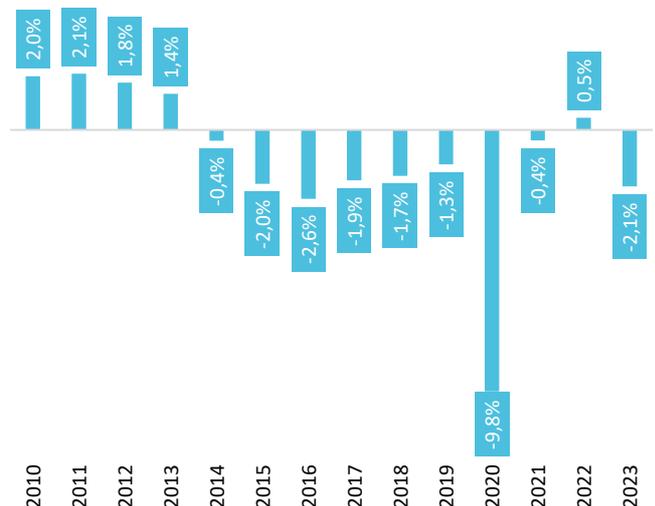
Fonte: PNAD (IBGE).

**Quadro 7: Geração de Vagas Formais – em milhares**



Fonte: Caged.

**Quadro 8: Resultado Primário do Governo Central – Em % do PIB**



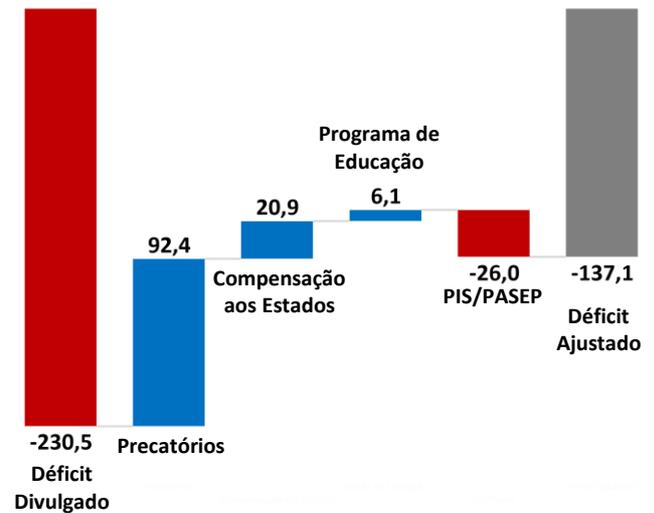
Fonte: Tesouro Nacional.

Desconsiderando tais fatores, o déficit primário (recorrente ou ajustado) teria sido de R\$ 137,1 bi (1,26% do PIB), ainda assim, um resultado bastante fraco, dado o superávit de R\$ 46,4 bi de 2022.

A piora do resultado em 2023 decorreu de uma combinação de queda real das receitas (-2,2%) e forte aumento das despesas (+12,5%; ou +6,2%, excluindo os itens não recorrentes citados acima). Do lado das receitas, pesou o recuo das receitas com concessões (-82,0%), dividendos (-44,7%) e exploração de recursos naturais (-18,5%), devido ao menor apetite do governo por novas concessões (turbinas em 2022 com a desestatização da Eletrobras, no valor de R\$ 27,5 bi); menores volumes de dividendos pagos, especialmente, por Petrobras (R\$ 29,2 bi ante R\$ 59,6 bi) e BNDES (R\$ 10,6 bi ante R\$ 19,8 bi); e, em função da queda do preço do petróleo no mercado internacional. Já as despesas foram pressionadas pelo aumento dos gastos com Bolsa Família (+80,4%), educação (+55,3%), saúde (+16,5%), e benefícios previdenciários (+7,9%).

Para 2024, o governo possui meta de déficit zero. Mesmo com alguma melhora da arrecadação e menor crescimento das despesas, limitadas pelo novo arcabouço fiscal, será bastante desafiador o cumprimento da meta. Por ora, o consenso do mercado projeta um déficit de 0,8% do PIB, que representaria alguma melhora ante o déficit recorrente registrado em 2023 (1,3% do PIB). A expectativa de um ano difícil no campo fiscal tem alimentado os debates em torno de uma possível mudança na meta fiscal para este ano. É provável que este debate se intensifique ao longo das próximas semanas. De todo modo, seja o que for decidido pelo governo, segue sendo fundamental a sinalização de compromisso com o controle fiscal, na linha que vem sendo defendida pela equipe econômica.

**Quadro 9: Decomposição do Déficit de 2023**  
Fatores Não Recorrentes - Em R\$ bi



Fonte: Tesouro Nacional. Elaboração: Febraban

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Payroll e Powell levam mercado a migrar apostas de cortes dos juros para maio

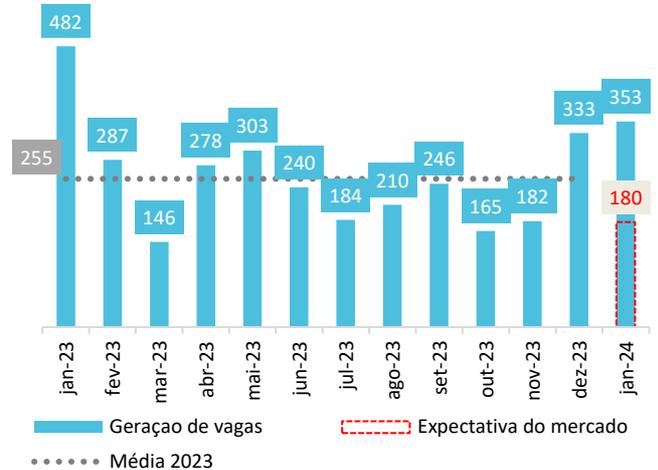
A semana foi marcada pela frustração com a possibilidade de início do processo de flexibilização monetária nos EUA na reunião de março. Isso porque o presidente do Fed afastou as chances de queda dos juros na próxima reunião do Comitê, indicando que os dirigentes do Fed precisam ter mais confiança que a inflação está retornando à meta de 2% de forma sustentada. Além disso, os dados de emprego e salários (*payroll*) mostraram que o mercado de trabalho norte-americano segue bastante forte, sugerindo que o Fed não precisa ter pressa para iniciar o movimento de corte das taxas.

Contudo, ainda assim, os principais índices acionários dos EUA voltaram a bater suas máximas históricas, impulsionados pelo bom resultado reportado pelas empresas de tecnologia no 4T23. Por outro lado, a saúde de alguns bancos regionais do país voltou ao centro das atenções, diante da forte piora do balanço do banco New York Community Bancorp, dada sua grande exposição ao setor imobiliário comercial do país, que ainda segue com elevado nível de vacância.

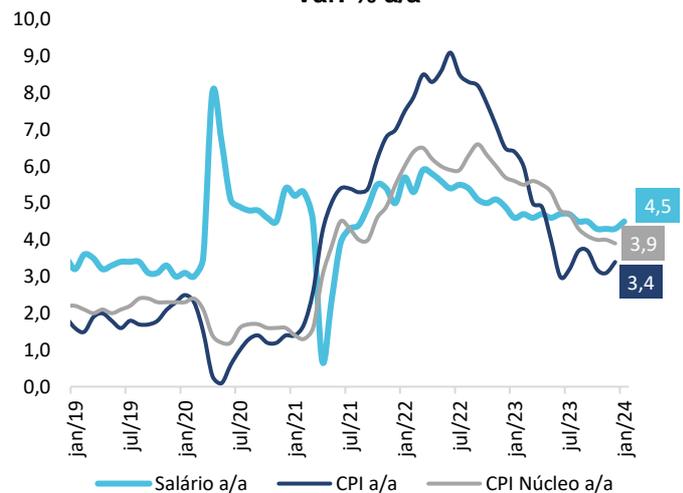
A reunião de política monetária do Fed não trouxe grandes surpresas, com a manutenção dos juros no intervalo entre 5,25% e 5,50% aa. No comunicado, o Comitê informou que não acha apropriado iniciar o ciclo de corte sem ganhar mais confiança de que a inflação está desacelerando. Na coletiva, Powell usou o termo “improvável” ao responder sobre o início da flexibilização na reunião de março. Tal expectativa foi reforçada pelo *payroll*, que registrou a criação de 353 mil vagas de emprego em janeiro, bem acima do esperado (+180 mil) e da média de 2023 (255 mil). Com o resultado, a taxa de desemprego ficou estável em 3,7%, contrariando a expectativa de alta para 3,8%. Os ganhos salariais também vieram acima do consenso, subindo 0,6% no mês (expectativa de 0,3%) e acelerando para 4,5% em 12 meses.

Na Zona do Euro, a prévia da inflação de janeiro desacelerou para 2,8% em 12 meses (ante +2,9% em dez/23). Outro ponto positivo é que o núcleo do indicador (sem alimentos e energia) também desacelerou, de 3,4% para 3,3%. Em relação à atividade, a prévia do PIB do 4T23 surpreendeu ao registrar estabilidade ante o período anterior, onde era esperado um leve recuo (-0,1%), evitando assim que se confirmasse um quadro de recessão técnica no bloco (dois trimestres seguidos de retração). De toda forma, não altera a percepção de fraqueza da atividade da região. Espanha (+0,6%) e Itália (+0,2%) mostraram números positivos, enquanto a Alemanha (-0,3%) segue com a pior performance entre as principais economias do bloco.

**Quadro 10: EUA – Geração de Vagas de Emprego**  
Em milhares



**Quadro 11: EUA – Ganhos Salariais Médios e CPI\***  
Var. % a/a



**Quadro 12: Zona do Euro – PIB**  
Var. % ante o tri anterior



## Resultado Corporativo 2023 Santander

O Santander registrou lucro líquido gerencial de R\$ 2,2 bilhões no 4º trimestre de 2023, o que corresponde a uma alta de 30,5% ante o 4T22, mas queda de 19,2% ante o trimestre anterior, com o resultado ficando abaixo do esperado (R\$ 2,8 bi). Com isso, o ROE do banco foi de 12,3% no período, ante 13,1% no 3T23.

Na comparação anual, a melhora do resultado decorreu da fraca base de comparação, dado que o banco provisionou 30% da carteira das Americanas no 4T22, após a eclosão da fraude contábil da empresa. No trimestre, a piora do resultado se deu em função do aumento da PDD (+21,7%), impactada, segundo o Santander, por um cliente específico do Atacado, que gerou uma provisão adicional de R\$ 732 mi no trimestre. Contudo, vale notar que mesmo sem tal item extraordinário, a PDD teria aumentado 8,7%. Adicionalmente, pesou também o avanço das despesas administrativas (+12,1%) e de pessoal (+5,7%). Do lado positivo, a margem financeira bruta subiu 4,8%, com leve melhora da margem com clientes (+0,5%), contando com maior volume de crédito (compensada pela queda do *spread* médio), e diminuição das perdas na margem com o mercado (de R\$ 827 mi para R\$ 263 mi). Já as receitas com serviços avançaram 7,0%, lideradas pelos ganhos com corretagem (+21,1%) e cartões (+10,2%).

No acumulado de 2023, o Santander registrou lucro líquido gerencial de R\$ 9,3 bi, queda de 27,7% ante 2022. A rentabilidade patrimonial (ROE) foi de 11,8% (ante 16,3%). A queda do lucro foi bastante influenciada pelas outras despesas operacionais que subiram 137,1% no ano. Parte de tal aumento decorre do aumento das provisões para contingências referente ao julgamento do STF sobre a cobrança de PIS/Cofins sobre receitas de intermediação financeira entre 2000 a 2014. Além disso, houve crescimento da PDD (+5,3%) e dos gastos com pessoal (+11,9%). Do lado positivo, a margem financeira bruta subiu 4,6%, enquanto as receitas de serviços cresceram 4,2%.

A carteira de crédito ampliada do Santander cresceu 9,0% no ano, impulsionada pelas operações de títulos privados/avais (+26,4%). Já a carteira de crédito bancário avançou 5,5%. A carteira de pessoas físicas subiu 6,0%, com destaque para o crédito rural (+18,5%) e o consignado (+13,4%), enquanto o pessoal não consignado caiu 7,0%. Já a carteira PJ cresceu 5,9%, puxada pelas operações com pequenas e médias empresas (+8,9%).

A taxa de inadimplência (acima de 90 dias) ficou estável em 3,1% no ano, mas registrou ligeira alta de 0,1 pp no trimestre, com piora de mesma magnitude tanto na carteira PF como PJ. De toda forma, o índice de atrasos (entre 15 a 90 dias) recuou 0,2 pp no trimestre, para 3,8%, com uma melhora acentuada na carteira destinada às famílias (de 5,6% para 5,2%), sugerindo que a alta da inadimplência foi pontual no trimestre e deve seguir em queda ao longo de 2024.

## CRÉDITO / BANCOS

Quadro 13: Resultado 2023 – Santander

Banco Santander - R\$ Mi	2022	2023	Var. % 12 m
<b>ITENS PATRIMONIAIS</b>			
Ativo Total	1.048.518	1.153.196	10,0%
TVM	227.359	277.066	21,9%
Depósitos	420.929	475.702	13,0%
Patrimônio Líquido	82.062	86.084	4,9%
<b>DRE<sup>1</sup></b>			
Margem Financeira Bruta	51.827	54.192	4,6%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-23.930	-25.200	5,3%
Receitas de prestação de serviços e tarifas	19.308	20.112	4,2%
Despesas de pessoal	-10.086	-11.291	11,9%
Despesas administrativas	-12.619	-13.199	4,6%
Outras Receitas/Despesas Operacionais	-4.869	-11.546	137,1%
IR/CSLL	-2.326	1.042	-144,8%
Lucro/Prejuízo do período <sup>2</sup>	12.900	9.333	-27,7%
<b>RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE<sup>1</sup></b>			
ROAE	16,3%	11,8%	-4,5 p.p.
ROAA	1,3%	0,9%	-0,4 p.p.
Índice de eficiência	36,9%	42,2%	5,3 p.p.
<b>CRÉDITO</b>			
Carteira de crédito	489.687	516.618	5,5%
PF	226.302	239.880	6,0%
PJ	195.415	207.012	5,9%
PMEs	62.651	68.255	8,9%
Grandes empresas	132.765	138.757	4,5%
Financiamento ao consumo	67.970	69.725	2,6%
Carteira de crédito ampliada <sup>3</sup>	589.726	643.040	9,0%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	34.453	35.375	2,7%
Provisão adicional de PDD	2.291	2.045	-10,8%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	1,2%	1,1%	-0,2 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	5,8%	5,5%	-0,3 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,1%	3,1%	0,0 p.p.
Cobertura > 90 dias	230,1%	222,5%	-7,7 p.p.
Índice de Basileia	13,8%	14,5%	0,7 p.p.

Fonte: Santander RI. Elaboração: FEBRABAN. <sup>1</sup>Anualizado <sup>2</sup>Lucro Líquido Ajustado Gerencial <sup>3</sup>Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias e avais e fianças.

## Regulação – Emissão de Instrumentos Financeiros

## CRÉDITO / BANCOS

Em reunião extraordinária, o Conselho Monetário Nacional (CMN) promoveu alterações nas emissões dos seguintes títulos privados:

- i) Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA)
- ii) Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI)
- iii) Letra de Crédito do Agronegócio (LCA)
- iv) Letra de Crédito Imobiliário (LCI)
- v) Letra Imobiliária Garantida (LIG).

### CRAs e CRIs

O CMN vedou as emissões dos títulos com lastro em títulos de dívida (por exemplo, debêntures) de emissão de companhias abertas não relacionadas aos setores do agronegócio ou imobiliário; e, a emissão com lastro em direitos creditórios originados de operações entre partes relacionadas ou de operações financeiras cujos recursos sejam utilizados para reembolso de despesas.

De todo modo, as medidas aprovadas pelo CMN não incidirão sobre os CRA e CRI distribuídos ou cujas ofertas de distribuição pública já tenham sido objeto de requerimento de registro de distribuição junto à CVM.

### LCAs

O CMN vedou, a partir de 1º de julho de 2024, que os recursos captados por meio desse título sejam utilizados para a concessão de crédito rural com subvenção econômica da União. Assim, as LCAs poderão financiar a partir da data em questão, apenas a contratação de crédito rural com taxas livremente pactuadas em condições de mercado. Adicionalmente, será restringida gradualmente, até 1º de julho de 2025, a utilização de operações de crédito rural com recursos controlados na composição do lastro da LCA.

Ainda, foi vedada a utilização de adiantamentos sobre operação de câmbio, créditos à exportação, certificados de recebíveis e debêntures como lastro desse instrumento financeiro.

Por fim, foi ampliado o prazo mínimo de vencimento das LCAs de 90 dias para 9 meses, de forma a induzir o alongamento dos prazos de captação através do instrumento.

### LCIs e LIGs

Em relação à LCI, o CMN vedou a emissão do título em operações para pessoa jurídica sem conexão com o mercado imobiliário, mesmo que garantidas por imóvel, como operações de capital de giro. Ainda, foi ampliado o prazo mínimo de vencimento da LCI de 90 dias para 12 meses, e se compatibiliza o prazo de vencimento dos títulos com o prazo das operações elegíveis como lastro.

Em relação à LIG, passam a incidir sobre esta as mesmas regras aplicáveis à LCI no que diz respeito à utilização como lastro de créditos imobiliários já utilizados para atender o direcionamento obrigatório de depósitos de poupança.

De maneira semelhante as CRAs e CRIs, as medidas adotadas incidirão sobre as emissões de LCI e de LIG que ocorrerem a partir da edição da Resolução.

Em nota, o CMN afirma que as medidas adotadas têm o intuito de aumentar a eficiência da política pública no suporte aos setores do agronegócio e imobiliário, assegurando que os referidos instrumentos sejam lastreados em operações compatíveis com as finalidades que justificaram a sua criação e contribuindo para um mercado de crédito mais robusto. As mudanças constam nas seguintes Resoluções: [nº 5.118](#) e [nº 5.119](#).

## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

## CRÉDITO / BANCOS

### Crédito deve crescer 6,8% em 2023

O saldo total da carteira de crédito deve avançar 1,2% em dezembro, fechando o ano de 2023 com alta de 6,8%, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Na margem, o ritmo de expansão anual da carteira deve seguir perdendo força, porém de maneira mais contida, dando sinais de estabilização.

No mês, a alta deve ser disseminada entre as diferentes carteiras (por fontes de recursos e segmentos). Destaque para a carteira PJ Livre, que deve avançar 2,4%, impulsionada pelas linhas de fluxo de caixa, que são beneficiadas pela sazonalidade positiva de fechamento de trimestre e pelas compras de fim de ano.

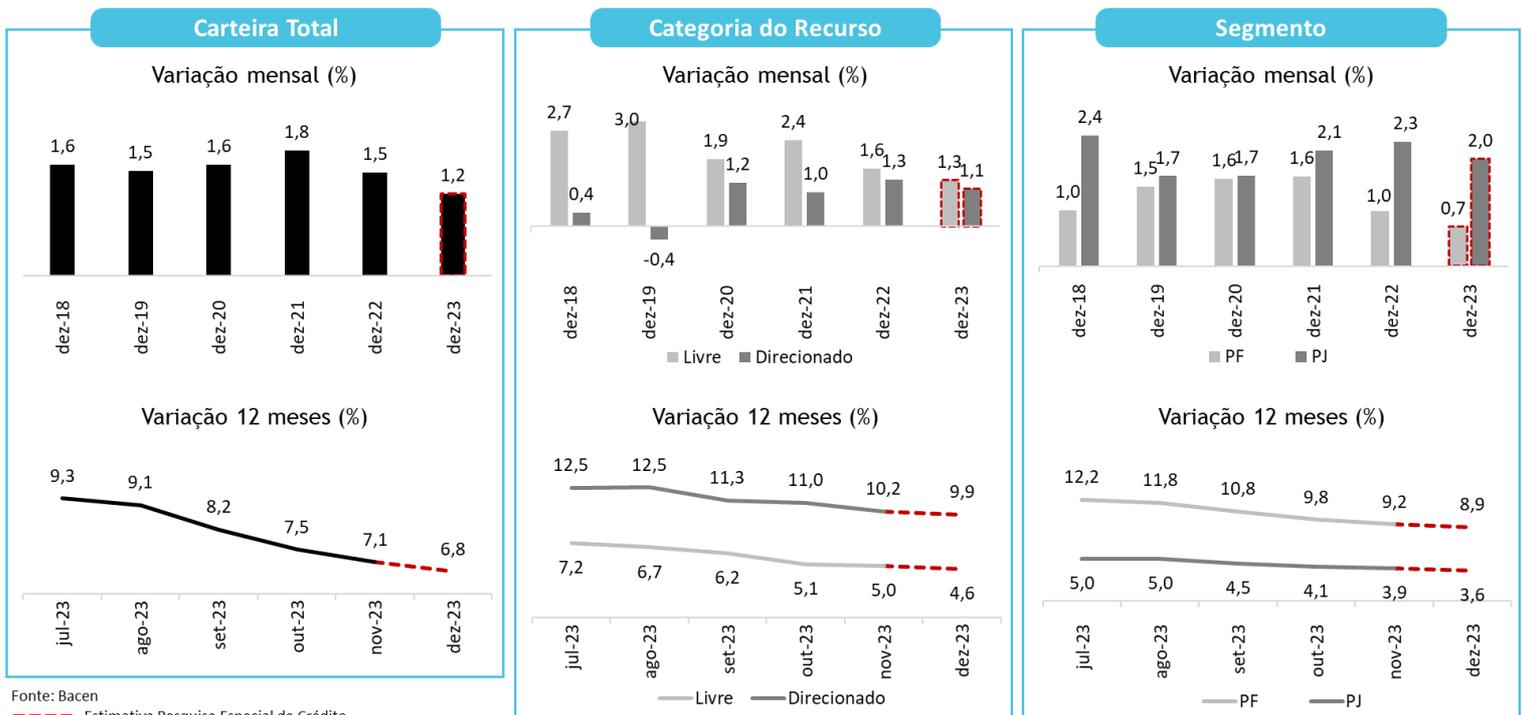
A carteira PF Livre (+0,5%) também é impulsionada pelas compras de dezembro, que eleva o saldo do cartão de crédito à vista. Por outro lado, deve haver um recuo no saldo das linhas rotativas, que perdem força diante do recebimento do 13º salário pelos trabalhadores. Por sinal, tal movimento deve ser mais intenso em 2023, diante da contínua redução do risco das carteiras por parte das instituições financeiras observada ao longo do ano.

As carteiras direcionadas também avançaram no mês, com alta estimada de 1,0% no segmento PF e de 1,2% em PJ, ambas impulsionadas por suas maiores linhas (crédito rural e imobiliário).

No ano, o crescimento da carteira será novamente liderado pelo crédito destinado às famílias, que deve fechar 2023 com expansão de 8,9%, mantendo-se como um importante canal para o consumo das famílias. O crédito às empresas deve mostrar crescimento mais modesto, de 3,6%, prejudicado pelos episódios de recuperação judicial no início do ano (incluindo caso de fraude contábil) e pela retomada do mercado de capitais ao longo do 2º semestre, que substituiu o crédito bancário, especialmente entre as grandes empresas.

No geral, o resultado marca o 6º ano seguido de expansão da carteira de crédito, mas com alguma desaceleração após as altas de dois dígitos do segmento entre 2020 e 2022. A perda de fôlego é explicada pela elevada taxa Selic, aumento da inadimplência e casos de episódios de RJ envolvendo grandes empresas no início do ano. Importante notar que a despeito das adversidades, o crédito ainda avançou no ano e deve voltar a acelerar ao longo de 2024, diante da redução das taxas de juros e da inadimplência.

Quadro 14: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta crescimento mensal de 4,8% em dezembro, encerrando 2023 com um volume 3,7% superior ao concedido no ano anterior.

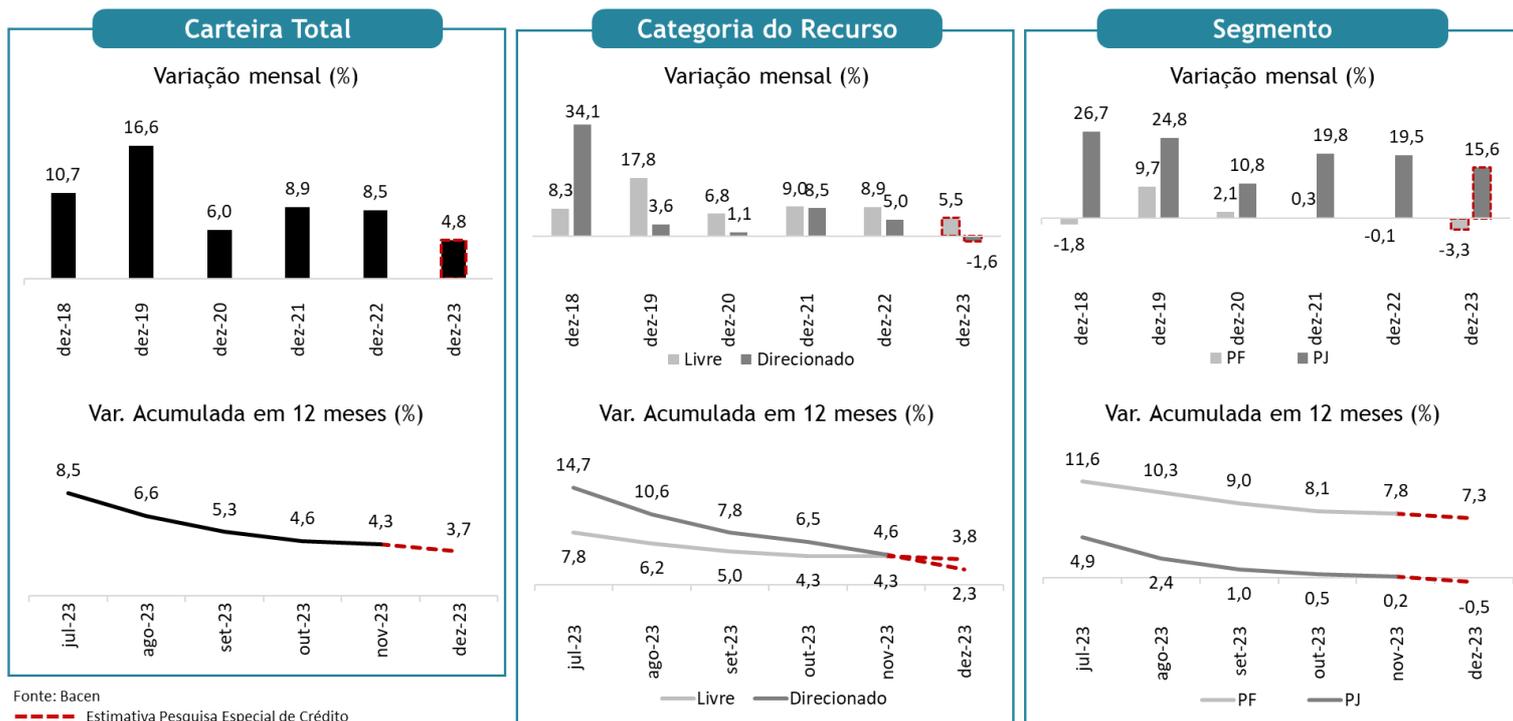
O volume acumulado de novas concessões em 12 meses deve continuar em trajetória de desaceleração, mas, assim como no saldo, também sugerindo que tal processo está próximo do fim. Este movimento é visto tanto no crédito às empresas, que deve finalizar o ano com uma leve retração (-0,5%), quanto no crédito às famílias, embora, neste caso, ainda registrando uma alta importante (+7,3%).

No mês, o aumento das concessões deve ser liderado pelas operações com recursos livres às empresas, em função da forte

elevação das linhas de fluxo de caixa (descontos de duplicatas e recebíveis e antecipação de faturas). Já as concessões com recursos livres destinadas às famílias devem mostrar um comportamento mais tímido: de um lado, impulsionadas pelas compras de fim de ano (cartão à vista); do outro, contidas pelo recebimento de rendas extras (13º salário, por exemplo), que limitam a tomada de outras formas de crédito (pessoal e linhas rotativas).

A Nota de Política Monetária e Crédito está programada para ser divulgada pelo Banco Central amanhã, dia 06 de fevereiro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

**Quadro 15: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



Fonte: Bacen  
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	02/02/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,97	1,21%	0,30%	2,33%	-1,45%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	135,96	-1,63%	-2,05%	2,64%	-37,65%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	11,13	-1,01%	-0,27%	-4,42%	-18,47%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	9,93	0,27%	0,27%	-1,10%	-26,96%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,32	0,77%	0,73%	2,45%	-19,89%
Índice Ibovespa (em pontos)	127.182,25	-1,38%	-0,45%	-5,22%	15,47%
IFNC (setor financeiro)	13.263,29	-0,03%	0,72%	-3,91%	29,38%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	15,79%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,36	0,34%	3,73%	2,68%	6,33%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,02	-2,84%	2,75%	3,63%	18,49%
Dollar Index	103,92	0,47%	0,63%	2,55%	2,13%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.958,61	1,38%	2,33%	3,96%	18,63%
Índice de ações de bancos – EUA	99,86	-7,23%	-2,09%	-8,82%	-17,84%
Índice Euro Stoxx 50	4.654,55	0,41%	0,13%	2,94%	9,75%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	119,34	-0,44%	-1,71%	0,84%	6,91%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	77,33	-7,44%	-5,36%	0,38%	-5,89%

Fonte: Bloomberg

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira